



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA  
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS  
INTERDISCIPLINARES**

**ROGÉRIA FLÁVIA VASCONCELOS DE MELO**

**RESGATE DA HISTÓRIA DO BAIRRO DE  
MUSSUMAGRO**

JOÃO PESSOA – PB

2024

ROGÉRIA FLÁVIA VASCONCELOS DE MELO

# **RESGATE DA HISTÓRIA DO BAIRRO DE MUSSUMAGRO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

**Orientadora: Professora Dra. Eneida Dornellas de Carvalho**

JOÃO PESSOA – PB

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M523r Melo, Rogéria Flávia Vasconcelos de  
Resgate da história do bairro de Mussumagro [manuscrito] /  
Rogéria Flávia Vasconcelos de Melo. - 2015.  
28 p. : il. color.

Digitado.  
Monografia (Especialização em fundamentos da educação:  
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à  
Distância, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Eneida Dornellas de Carvalho,  
Letras".

1.Educação. 2. Cultura. 3. Mussumagro. I. Título.

21. ed. CDD 370.1

Rogéria Flávia Vasconcelos de Melo

## RESGATE DA HISTÓRIA DO BAIRRO DE MUSSUMAGRO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 06/12/2014.

Eneida Dornellas de Carvalho

**Professora Dra. Eneida Dornellas de Carvalho**

Orientadora

Mônica de Lourdes Neves

**Professora Dra. Mônica de Lourdes Neves**

Examinadora

Antônio Flávio Ferreira de Oliveira

**Professor Ms. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira**

Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este trabalho a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia.

Agradeço a minha professora orientadora que teve paciência e que me ajudou bastante a concluir este trabalho. Desejei desde o princípio que ela fosse a minha orientadora pela confiança, incentivo e pelo apoio que sempre nos dedicou.

À minha família, em especial a pessoa que amo partilhar a vida, meu marido Moises. Com você me sinto segura, sua capacidade de me trazer paz nos momentos certos, faz com que eu siga em frente, me dando a força e a coragem necessária.

Aos meus filhos e netos que embora não tiveram participação direta, iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos e deixando para eles o exemplo.

A todos que estiveram presentes em minha trajetória acadêmica, a todos os meus colegas de turma e aos mais chegados como: Sônia, Romilda, Rute, Sandra, Ronilson e em especial Rita Eliane, em você encontrei uma verdadeira irmã.

Ao nosso grupo o qual participamos em todos os trabalhos, que contribuiu com força, conselhos, ajuda e colaboração. Jamais me esquecerei de nenhum de vocês e sentirei bastantes saudades.

Aos meus colegas de trabalho, Poliana, Vivanny, Alex, Veroneide, agradeço o apoio que me deram, paciência, força e colaboração.

A Aldenice, em especial, que foi um presente de Deus para mim. Obrigada pelo apoio. Há anos já ultrapassamos o limite da amizade. Essa conquista é compartilhada especialmente com você.

À Universidade Estadual da Paraíba, seu corpo docente, direção e administração que me deram a oportunidade de fazer esse curso.

*A Educação não transforma o mundo. A Educação muda  
pessoas. As pessoas é que transformam o mundo.*

***Paulo Freire***

## **RESUMO**

O presente trabalho trata-se de um registro de parte da história da comunidade Mussumagro, atualmente um bairro que se situa na cidade de João Pessoa, nas proximidades do bairro Residencial Valentina de Figueiredo, constituída em parte por famílias descendentes de Quilombolas. A investigação, centrada na questão educacional da comunidade, implica averiguar também como se deu a organização da comunidade e suas estratégias de conquista de direitos sociais, particularmente a construção de uma escola que atendesse às necessidades educacionais das crianças. Essa averiguação foi realizada através de gravações de vídeo com duas moradoras, nascidas e criadas na comunidade, que revelaram o conhecimento que possuem acerca da formação da comunidade e de sua trajetória educacional.

**PALAVRAS-CHAVE: Cultura Histórica; Educação; Mussumagro.**

## **ABSTRACT**

In this article I intend to record part of the history of Mussumagro community, currently referred to as the neighborhood, which is located in the city of João Pessoa, nearby Residential Subdivision Valentina de Figueiredo is constituted in part by descendants of Quilombo families. We focus our research on the educational issue of the community, which also involves ascertaining how was the organization of the community and its strategies for achieving social rights, particularly the construction of a school that meets the educational needs of children. For this purpose, video recordings with residents of the community who orally reported that they had knowledge about the formation of the community and their educational trajectory were performed. Considering the theme of the research were used as theoretical base the contributions Ladies Antonia Pereira de Carvalho and Evaneide Paixão, born and raised in this community, now more structured, being treated like neighborhood.

**KEYWORDS: Historical Culture; Education; Mussumagro.**



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. O RELATO ORAL COMO FONTE DE PESQUISA .....</b>	<b>10</b>
<b>2. ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DO BAIRRO</b>	
<b>MUSSUMAGRO .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1. História do surgimento do bairro Mussumagro .....</b>	<b>11</b>
<b>2.2. Trajetória social do bairro Mussumagro .....</b>	<b>12</b>
<b>2.3. Elementos histórico-culturais do bairro .....</b>	<b>13</b>
<b>3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>14</b>
<b>3.1. Relatos como fontes de pesquisa .....</b>	<b>14</b>
<b>3.2. Considerações acerca das informantes .....</b>	<b>15</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>17</b>
<b>ANEXO 1: Fotos .....</b>	<b>18</b>
<b>ANEXO2 Primeiro Material Escrito sobre a Criação da Primeira escola de Mussumagro (datilografado) .....</b>	<b>22</b>
<b>ANEXO 3 Entrevista 1; Entrevista 2 .....</b>	<b>24</b>

## INTRODUÇÃO

Ao iniciar este trabalho de pesquisa foi entendido como de relevante importância o conhecimento da história local como principal ponte de ligação entre a construção do conhecimento

do indivíduo e a bagagem cultural construída durante sua vida cotidiana. Ao investigarmos a história de uma comunidade, deparamo-nos com diversos elementos culturais que delineiam os desejos e sonhos de um povo simples, carregados de significados e simbolismos, e que acabam por construir sua identidade.

Em acordo com esse preceito, foi realizado esse trabalho com o empenho em conhecer a história de Mussumagro, comunidade localizada nas imediações do bairro Residencial Valentina Figueiredo, em João Pessoa na Paraíba. Famílias foram formadas neste local, antes apenas resumido a pequenos povoados isolados, que mantinham uma restrita ligação com o restante da cidade, por se tratar de um vilarejo sem os traços da modernidade que já alcançavam o restante da sociedade pessoense.

A história de Mussumagro foi contada de forma surpreendente e cheia de elementos culturais de grande relevância na formação da história educacional desta população, através da visão e memória das moradoras A. P. C. e E. P. Esses relatos (anexo 3) foram coletados com o objetivo de identificar e resgatar os elementos que contribuíram para a construção da trajetória histórico-educacional de Mussumagro. A partir deles desenvolvemos o presente trabalho que consiste em um resgate histórico da formação da comunidade Mussumagro.

## 1 O RELATO ORAL COMO FONTE DE PESQUISA

Ao propor este trabalho de resgate histórico de uma população foi necessário o respaldo em estudos que ressaltam a importância da identidade e memória de um povo, enfatizando a riqueza dos relatos orais como os que formam os dados aqui apresentado, compostos de relatos feitos por moradoras antigas pertencentes à população em foco.

Dessa forma, a fundamentação desse trabalho encontra-se nos autores como Michael Pollak, com sua obra “Memória e identidade social”, e também Maurice Halbwachs, com “Memória coletiva”. Esses autores conduzem à valorização do discurso de pessoas simples, porém testemunhas da transformação de um simples vilarejo ou comunidade em um bairro que busca melhorias e tem consciência do fazer coletivo para construir uma identidade social. Como afirma Halbwachs (apud Pollak, 1989, 3-4):

para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que elas nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e outros para que a lembrança que os outros nos tragam possa ser reconstruída sobre uma base comum.

Segundo Halbwachs ( ) poderíamos distinguir duas memórias, uma interior ou interna, a outra exterior; ou então uma memória pessoal, a outra memória social; ou mais claramente explicitando, uma memória autobiográfica e uma memória histórica. Onde a primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outro lado, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso.

Pensando assim a memória individual não se anularia, mas serviria de apoio para resgatar a história de um povo contada historicamente através dos fatos mais históricos, como acontecimentos e datas, e a memória individual construiria os relatos contados, mais vividos de forma coletiva, portanto carregados de veracidade e emoções.

## 2 ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DO BAIRO MUSSUMAGRO

### 2.1 História do surgimento do bairro Mussumagro

Segundo relato da Sra. N.P., uma das informantes dessa pesquisa, aproximadamente em 1985 foi lavrado o registro de uma aldeia dos índios Tabajaras situada ao leste da capital de João Pessoa-PB. Estes índios viviam da agricultura, da caça, e da pesca, pois existia uma grande variedade de peixes na região, dentre os quais se destacava o muçu, peixe de cor negra, de forma alongada e sabor apreciado pelos habitantes da região.

Também se conta em uma versão folclórica que esta comunidade surgiu no início do século XXI, quando três caçadores vindos de outra região pararam à beira do caminho para matarem a sede numa cacimba, e encontraram uma imagem de Santo Antônio com aproximadamente dez centímetros de comprimento. Estes, então, passaram a procurar no vilarejo o dono das terras e entregaram-lhe a imagem à família Paixão a qual, sendo religiosa, considerou tal fato como sendo um sinal milagroso. E baseados nesta crença construíram uma capela que recebeu o nome do santo, que mais tarde daria também nome ao vilarejo.

Porém, o nome do santo não foi aceito pela comunidade. A família Paixão já havia inclusive registrado o nome Mussumagro na Prefeitura da cidade de João Pessoa e durante muito tempo o nome do bairro foi incompreendido por algumas pessoas da cidade e até mesmo por alguns moradores da própria população residente, a ponto de suscitar tentativas de criar outras histórias para mudar o nome do bairro. Uma destas histórias coloca o povo de Mussumagro como pessoas ignorantes que não sabiam pronunciar o suposto nome do bairro que seria ‘Monsenhor Magno’.

Assim, por existir há bastante tempo, desde 1855, como constata-se nos relatos em anexo, Mussumagro teve, ao longo do tempo, uma trajetória de busca por melhorias para a população, que cresceu com o passar dos anos. Em 2009, segundo estudos da PUC-SP em consonância com a Secretaria de Desenvolvimento Social da Paraíba a população de Mussumagro era composta de 4.882 habitantes distribuídos entre mais de 1000 famílias. Porém com o avanço na construção civil, trazendo para a zona sul de João Pessoa essa explosão de construções, fez com que as pessoas se deslocassem também para Mussumagro. E há mais ou menos cinco anos, esse crescimento têm sido bastante notório.

É evidente que a modernidade trouxe bastantes vantagens para o bairro. Porém, o aumento da população implica em demandas bem mais complexas em todos os setores, como saneamento, saúde, segurança, educação.

## **2.2 Trajetória social do bairro Mussumagro**

O bairro Mussumagro localiza-se ao norte com o município de Gramame, ao sul com a comunidade Paratibe, ao leste com a Praia do Sol (antiga Cumurupim), a oeste com o Conjunto Residencial Valentina de Figueiredo. Assim, localizada próxima ao litoral paraibano, a comunidade de Mussumagro possibilitou o interesse de pessoas em conhecê-la. Aos poucos as pessoas foram chegando e aumentando a população desta localidade. E com elas, veio também a necessidade de modernização, pois à medida que a comunidade crescia, vinham também as demandas pelas necessidades básicas para sobrevivência de uma população, como a busca por melhores condições de vida, baseadas em instrumentos de mudança social, como a educação por exemplo.

O acesso à comunidade era bastante precário, pois não havia sequer transporte que ajudasse a locomoção da população local, que se afastava apenas em busca de suprimentos para sobrevivência. Assim, o desenvolvimento deste bairro apresentou-se de forma gradativa, partindo de um simples aglomerado de algumas famílias que viviam basicamente da pesca e da agricultura, todos dependentes da generosidade da família Paixão, que favorecia os moradores que trabalhavam em suas terras.

A comunidade estava crescendo e precisava de escola, de saúde, de segurança, de lazer. A demanda passou a exigir da comunidade uma maior mobilização das pessoas no sentido de conseguirem melhorias para seu povo. E a partir daí começaram a surgir pequenos grupos que criaram a associação do bairro, passando a preocupar-se com os interesses comuns à população do bairro.

A primeira escola criada ficava à beira da estrada e era comandada pela Sra. Noeme Paixão, que ensinava nos termos tradicionais, primando pelos valores morais e éticos. Exercia sua autoridade como professora e acolhia todas as crianças da redondeza, passando os conhecimentos que julgava serem necessários para a educação das crianças. Ler, escrever,

contar, respeitar os mais velhos, obedecer aos pais e zelar pela escola eram alguns dos conceitos mais exaltados por N.P., segundo os relatos ouvidos nas entrevistas realizadas durante este trabalho de pesquisa.

A construção de rodovias, a instalação de um sistema de água e esgotos, a melhoria no sistema de energia, a construção de escolas, passaram a ser prioridade na luta pelo crescimento do bairro, que passou a ser considerado não mais uma comunidade rural, mas firmou-se como um bairro pertencente à zona urbana.

### **2.3 Elementos histórico-culturais do bairro**

Os moradores do antigo vilarejo deixaram muitas influências culturais na formação da comunidade Mussumagro. Desde a forma pacata de viver, a aparência física reveladora da ascendência quilombola, até a maneira como as pessoas locais se divertem com os festejos tradicionais. Muitas crenças, muita música africana, muita alegria, muita hospitalidade na maneira de receber visitantes.

Estudos recentes apontaram a comunidade de Paratibe, vizinha a Mussumagro, como principal reduto de indícios de quilombolas descendentes de Zumbi dos Palmares. Esta proximidade com um tesouro histórico-cultural deste porte faz de Mussumagro um participante ativo nesta descoberta, pois, em seu histórico, este bairro carrega possíveis descendentes de tribos ligadas a Zumbi dos Palmares.

A linguagem, as tradições e festas religiosas são também elementos importantes da cultura local, que insiste em se manter viva. Até hoje, existe no bairro uma construção antiga, a casa de farinha, que está desativada e poderia inclusive servir de acervo para cultura local.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O primeiro passo a ser dado para a realização desse trabalho foi buscar localizar moradores que tenham nascido no bairro Mussumagro desde o seu surgimento e que continuem vivendo na comunidade. A partir dessa localização, foram feitas entrevistas com duas moradoras, em busca de informações que possa fornecer uma ideia de como Mussumagro se formou. A partir desses relatos foi possível sistematizar as informações para organizar, ainda que de forma sucinta, o histórico de Mussumagro.

Não existem documentos oficiais que comprovem a história local, mas a história de um povo também pode ser passada de forma oral através da vivência daqueles que são atores importantes na construção da identidade local.

#### 3.1 Relatos como fontes de pesquisa

Este trabalho foi produzido com base em relatos orais e guiado pela preocupação em ser fiel às falas das entrevistadas, colocando em foco todo o caminho percorrido pela população local em busca de seus ideais de progressos e conquistas. No decorrer das pesquisas percebeu-se a importância de tais relatos, pois da época em que a comunidade começou a se formar não foi possível ter acesso a provas documentais, como registros de escrituras, por exemplo, pois as pessoas viviam de forma muito simples e não consideravam importantes esses documentos. Para elas a experiência vivida e a palavra eram suficientes para manterem seu modo de viver e encarar o mundo.

Apesar disso, foi possível o acesso a algumas fotos antigas (anexo 1) das moradoras que se ofereceram para fazer parte deste trabalho. Essas fotos constituem uma parte da história da comunidade Mussumagro e juntamente ao primeiro material escrito sobre a criação da primeira escola de Mussumagro (datilografado) (anexo 2), contam de forma simples essa história.

### 3.2 Considerações acerca das informantes

As entrevistas realizadas com A.P. e E.P. foram de extrema importância para realização deste trabalho, pois a história dessas duas senhoras está diretamente ligada à trajetória educacional de Mussumagro. A primeira, A.P, foi aluna de D. N., primeira professora da comunidade. A segunda, E.P, é filha de N.P. Portanto as duas fizeram parte diretamente deste processo de construção da identidade social de Mussumagro que já nesta época começava a ser delineada. Apesar de não haver documentos escritos, a riqueza de detalhes dos depoimentos dessas duas moradoras da comunidade Mussumagro, são imprescindíveis para confirmar a inserção desta comunidade em sua trajetória educacional. Estes depoimentos podem ser observados nas transcrições em anexo. Prosseguindo em seus próprios caminhos, tanto A.P quanto E.P e se encontraram novamente partilhando mais uma vez suas participações na construção da identidade social e educacional de Mussumagro, pois as duas vieram a trabalhar em uma outra escola da comunidade Mussumagro, a Escola Estadual Professora Dagmar Mendonça, onde A.P. permanece até hoje exercendo a função de merendeira. E.P., seguindo os passos da mãe, N.P., exerceu a função de professora nesta mesma escola, porém atualmente trabalha na Escola Estadual Domingos José da Paixão, construída através da luta de N.P. e família, em substituição à antiga e primeira escola de Mussumagro.



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contar um pouco da história de Mussumagro foi bastante satisfatório para a pesquisadora, tendo em vista que a mesma trabalha há mais de dez anos no bairro, e se orgulha de fazer parte do cotidiano de seus moradores.

Resgatar a história de um bairro como Muçumagro proporcionou grande satisfação por tratar-se de um lugar cheio de detalhes que reportam as tradições indígenas entranhadas nas raízes do povo deste local. Antes vista como uma comunidade, localizada em uma zona rural, Muçumagro hoje vem apresentando um desenvolvimento social que o tirou da condição de comunidade, podendo ser considerado um bairro em crescimento. Entretanto, mesmo com chegada do progresso, este bairro de raízes históricas riquíssimas que aparecem inseridas na presença da cultura indígena nos hábitos dos moradores mais antigos desta localidade.

Assim, descobriu-se através dos relatos gravados, declarações sobre indícios de comunidades quilombolas existentes e depois da transformação da comunidade simples e pitoresca em um bairro preocupado com o progresso e entendendo que a busca pela educação seria o caminho para trazer o devido reconhecimento deste vilarejo em um bairro propenso ao crescimento. Mussumagro está dentro deste contexto, buscando atualizar-se dentro do emaranhado de novidades trazidas pela globalização, pela influência das novas tecnologias, ou mais que influência, pela exigência urgente em inserir-se no turbilhão de informação e conhecimento.

A história de Mussumagro, vista aos olhos das entrevistadas, traz grandes questionamentos. Dentre eles está uma questão bem acentuada: será mesmo necessário mudar elementos históricos do bairro, como o nome por exemplo, para que o bairro possa acompanhar as inovações trazidas por esta modernidade? A cultura popular deve ser abandonada sob pena da população ser tratada de forma discriminatória, como um povo “sem cultura”, “ignorante”? Concluímos que não, pois o saber de um povo não deve ser guiado, nem construído apenas pelo individualismo; deve ser mantido, preservado de forma veemente, pois identifica o fazer, o existir de uma coletividade.

## 5 REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. Liberalismo e Democracia. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Presses Universitaires de France. São Paulo. Vértice, 1990.

LIMA, Sandra Maria Barbosa. **Fontes de Informação na Construção da Memória da Professora Antônia do Socorro Silva Machado: uma pessoa, uma escola dentro da comunidade.** João Pessoa, Pb, 2010. Disponível em: <https://www.ccsa.ufpb.br/biblio/contents/tcc/tcc-2010/fontes-de-informacao-na-construcao-da-memoria-da-prof-antonia-do-socorro-silva-machado.pdf>. Acesso: 10/06/2024.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Rio de Janeiro, 1992.

## 6 ANEXOS

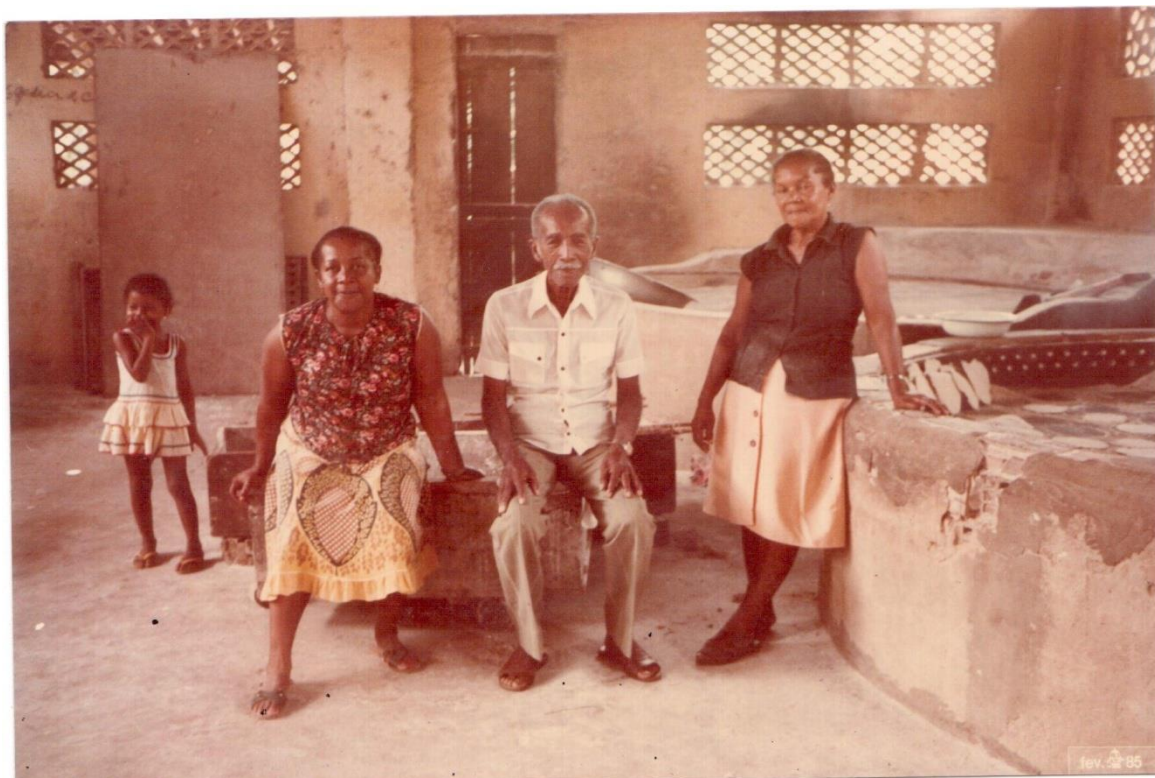
### ANEXO 1 - Fotos



**FOTO 1 – Primeira escola da comunidade Mussumagro**



**FOTO 2 – Casa de Farinha**



**FOTO 3 – N.P. (em pé) e seu marido, D.J.P., na casa de farinha**



**FOTO 4 – Sanitários da primeira escola de Mussumagro**



**FOTO 5 – E.P. e seu pai D.J., em mobiliário da primeira escola de Mussumagro**



**FOTO 6 - Atualmente Escola Estadual Domingos José da Paixão**



**FOTO 7 – Neroaldo Pontes (esquerda pra direita) secretário da educação; N.P. (direita para esquerda)**

## ANEXO 2 – Primeiro Material Escrito sobre a Criação da Primeira escola de Mussumagro (datilografado).

### HISTÓRICO DA ESCOLA

No ano de 1930 foi fundada uma Escola para a comunidade de mussu-magro. Esta Escola no dia 10 de abril no mesmo ano, recebeu o nome de Escola MISTA SANTO ANTONIO, sendo o governador neste período Doutor Argimiro Figueiredo tendo como o secretário da Educação o mons senhor Pedro Anísio Bezerra Dantas.

Como a nossa comunidade era pequena e o número de alunos resumidos em nossa Escola lecionava ao mesmo tempo e dirigia uma só professora, a qual chamava-se MARIA DE LOURDES, depois foram chegando outras como: ALTINA, APOLÔNIA FIGUEIREDO, MARIA DO CARMO, SEVERIANA LOMBARDI, PEDRO JOSÉ DA PAIXÃO, IRENE MARIA DA PAIXÃO, NOEMIA MARIA DA PAIXÃO RODRIGUES E ENILDO DA PAIXÃO RODRIGUES.

Em 1972 a Escola passou a ser chamada de Escola Santo ANTONIO DE MUSSU-MAGRO, passando os anos foram transferidos alguns professores e ficando só na escola, a professora e Diretora NOEMIA M<sup>a</sup> DA PAIXÃO RODRIGUES. Essa assumiu durante 32 anos, uma luta com persistência e vitórias.

No ano de 1980 foi modificado o seu nome para Escola Estadual de 1º Grau Mussu-magro. Neste período ainda continuava a nossa incansável NOEMIA quando veio transferida da cidade de João Pessoa a professora, VÂNIA M<sup>a</sup> ROCHA RAMALHO CAVALCANTI.

Logo depois em 1981 foi aposentada NOEMIA e VÂNIA M<sup>a</sup> ROCHA R. CAVALCANTI assumiu como professora e diretora.

No ano de 1983 chegou mais uma professora: EVANEIDE DA PAIXÃO RODRIGUES e aí a equipe da escola foi se formando chegando e saindo funcionários. Como o patrono da Escola faleceu em 1988 em sua homenagem passou a ser chamada ESCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU DOMINGOS JOSÉ DA PAIXÃO. Neste período o nosso corpo docente e discente foi crescendo. Em 1991 a escola foi interdita para uma pequena reforma.

Finalizando o nosso histórico, em 1998 a Escola passou a ser regida como Escola Ativa por intermédio das supervisoras do Projeto Nordeste: SEDY MARQUES e EDINALVA, tendo como coordenadores JOSANA e Odilson e como Secretário da Educação Dr. CARLOS PEREIRA.

Continuando com a nossa jornada, junto com a comunidade, apoiada pelo governador JOSÉ TARGINO MARANHÃO em 1999 estamos inaugurando a nossa tão esperанçosa e desejável ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DOMINGOS JOSÉ DA PAIXÃO.

COMUNIDADE DE MUSSU-MAGRO

Aproximadamente em 1895 foi lavrado o registro de uma aldeia dos índios TABAJARA situado ao leste da capital, onde viviam de agricultura, da caça e da pesca, existia na região uma grande variedade de peixes dentre eles, um de forma alongada como uma cobra, negra e de aparência desagradável, mas bastante saboroso, o qual foi denominado pelos mesmos de "mussu" que ao ser pescado era levado para aldeia, preparado, chamavam seus companheiros para que viessem juntar-se à eles para comerem "mussu-magro" devido a magreza do peixe, dando origem ao nome da comunidade de "mussu-magro".

Conta-se uma versão folclórica para origem desta comunidade que teve início neste século, quando três caçadores vindos de outra região, pararam a beira do caminho para matarem a sede numa cacimba, encontraram uma imagem de Santo Antonio com aproximadamente 10cm próxima a moita, estes procuram na vila o dono das terras e entregam-lhe a imagem da família Paixão, a qual sendo religiosa considerou um milagre. fazendo no local uma pequenina capela e colocou o Santo.

Em decorrência do tempo e das mudanças climáticas, a mesma começou a ruir, precisando ser demolida, sendo reconstruída em 1986 com os esforços da comunidade, da família Paixão e Padre Dom Epaminondas. Em virtude deste acontecimento os moradores quiseram mudar o nome para a vila Santo Antonio, mais não houve sucesso, pois a mesma já estava registrada em cartório pela família Paixão como mussu-magro, até hoje há discordância sobre o nome do lugar, devido as várias interpretações do que seja mussu-magro, muitos pronunciam numa atividade de correção mussu-magro, de acordo com o depoimento da Sr<sup>a</sup> NOÊMIA M<sup>a</sup> DA PAIXÃO RODRIGUES. A comunidade localiza-se ao norte com Gramame, ao sul com Paratibe, a leste com a praia do sol, (antigo camurupim), a oeste com o conjunto Valentina Figueiredo. Possui vegetação tipicamente litorânea, como: coqueiros, cajueiros, jaqueiras, uma grande diversidade de árvores frutíferas, favorecendo também a plantação de macaxeira inhame e feijão.

O Desenvolvimento do local deu-se de forma gradativa com a aglomeração de famílias que vivem e trabalham nas terras da família Paixão favorecendo os pequenos comerciantes, atualmente a comunidade já disfruta de pequenas regalias como padaria, posto de saúde, casa de recursos, cemitério, duas escolas, boutiques, um mercado, diversos pontos comerciais, igrejas católica e evangélica etc.

Com a construção da rodovia que atravessa o local em direção ao litoral favoreceu o aparecimento de transportes coletivos, da casa de redes, de quisiques e diversas construções em andamentos, sem esquecer também a preservação da casa de farinha, que continua em plena atividade.

Com característica própria de cidade do interior, os seus moradores mantêm longas conversas no final da tarde em frente as suas residências, conversas em mesas de bares, jogo de azar como: dominó, dama etc., brincadeiras infantis, como empinar pipa, bola de gude e bonecas de palha de côco.

A cultura da comunidade de mussu-magro apresenta-se de forma tradicional com algumas exceções, através das festas organizadas pela igreja como: a festa de Santo Antonio, o grupo de teatro; a medicina alternativa realizada pelos agentes de Saúde, ligados a mesma, encontramos também a prática do candoblé ainda bastante oprimida.



### ANEXO 3 - ENTREVISTA 1 (Transcrição)

Data: 26/02/2014 11:23 às 12:38

Local: E. E. E. F. Profª Dagmar Mendonça Limeira

Entrevistada: A. P. C.

Filmagem: Alex Vicente Ferreira

- Meu nome é A.P.C., mas sou conhecida por Silvia aqui na comunidade. Fui nascida e criada aqui na comunidade de Muçumagro e nasci em 1955. Hoje tenho 59 anos, moro na “merma” comunidade.

- A família da minha mãe fazia festa de São João. A minha vó levantava a bandeira do São João na igreja, antes era uma capela Santo Antônio, hoje tá numa igreja aqui mesmo na comunidade e as festas era coco de roda, ciranda, forró que eu gostava muito de dançar um forró e foi aí que a gente se criou nisso e hoje a gente gosta muito de festa.

- A minha família é descendente de quilombolas, a gente vivia de pesca e agricultura, a gente foi criada nisso, minha mãe pescava muito, quando pegava os peixe não tinha... a gente não tinha como vender, ela trocava por farinha na casa de farinha e eu com 7 anos de idade comecei a trabalhar nessa casa de farinha, rapava mandioca, peneirava a massa pra dois forneiro e foi assim que a gente foi criada na comunida. Aí surgiu... a gente estudava na escola, a escola era uma escola pequena, Domingos José da Paixão e estudava de manhã e trabalhava à tarde foi aí que a gente foi criada na nossa comunidade, pesca e agricultura.

- Quando eu tinha sete anos a escola era uma casa, essa escola só tinha duas salas de aula a gente estudava de manhã e a tarde ia pra agricultura e não tinha merenda a gente saia de casa sem tomar café, não tinha merenda, a merenda era leite quando tinha leite, quando não tinha a gente ficava sem nada, aí...

- E nessa escola que eu estudava que tinha sete anos não tinha água, não tinha energia, de manhã a gente ia pra cacimba pegar água numa cacimba num pau pra botar água no filtro pra gente tomar água. E a noite quando tinha aula, era a luz de vela, candieiro, não tinha energia, estrada de barro, não tinha nada a gente vivia nisso. Cozinhar com lenha, lavava roupa em rio. A vida da gente era essa.

- Essa escola que eu tô falando que eu estudei quando eu era criança hoje é Escola Domingos José da Paixão era uma escola pequena e hoje tá aquela escola enorme. Meu neto estuda nela Domingo José da Paixão. E agora eu... eu... sim! Trabalhei num projeto, esse

projeto tinha, apadrinhava muitas crianças da comunidade e foi aí que a gente com a associação a gente fez... a gente falou de fazer uma outra escola e trabalhou aqui com um projeto. Entramos com um projeto e essa escola Dagmar Mendonça era uma creche que a gente fez a sapata dessa escola e a comunidade não tinha verba pra montar o prédio, aí foi aí entrou a escola Dagmar Mendonça que hoje eu trabalho nela há 25 anos e sou merendeira também nessa escola. Entrei aqui, sou funcionária do estado desde 91 até hoje.

- Essa escola é a segunda escola de Muçumagro. Quando as crianças vieram pra aqui já vieram sabendo que o nome da comunidade Muçumagro. Muita gente conhece como Monsenhor Magno, mas não é. O nome verdadeiro é Muçumagro, por que? Porque meu pai era pescador de muçu, pegava muito e foi aí que existiu. E foi aí que surgiu o nome Muçumagro.

- A escola Dagmar Mendonça sempre lutou pelo... pelo nome, que o nome é Muçumagro. Essa é a realidade do nome, essa é a história de Muçumagro

### **ANEXO 3 - ENTREVISTA 2 (Transcrição)**

Data: 13/05/2014 – 10:50 às 11:23

Local: Residência da entrevistada

Entrevistada: E.P. R.

Filmagem: Alex Vicente Ferreira

- Meu nome é E.P. R., sou filha de M. C. R. e N. M. P. R. Nasci aqui neste ... nasci em 1962, estudei na mesma comunidade. Eh! Estudei na Escola Domingos José da Paixão e trabalho na mesma escola, primeira escola a trabalhar foi esta e a segunda foi o Dagmar Mendonça.

- A família Paixão éh! ... convive aqui nesta comunidade há mais de cento e cinquenta anos.

- Meu avô D. J. P., ele teve uma grande influência nessa comunidade tanto na questão de empregar algumas pessoas como doar vários terrenos para a comunidade por exemplo: como cemitério, uma escola (não tinha escola) e o posto de saúde

- Éh! Como a comunidade era carente, aí meu avô D. J. P. tinha uma casa de farinha e comercializava com os produtos da própria comunidade por exemplo: agricultura, num éh! Colocava a mandioca na casa de farinha convidava o pessoal da comunidade pra fazer o

trabalho junto com ele, aí comercializava com esse produto. Como: goma num éh! A farinha mesma, a própria farinha, o inhame que cuidava na casa de farinha, enfim, todo produto agrícola e também as frutas que também se colocava lá pra sê vendida ou em troca, também se trocava muito alimento, no caso, mamãe fazia muito isso, porque o pessoal não tinha o que se alimentar e no lugar da carne, do peixe. Então o que ela faria? O pessoal vinha raspava mandioca e em troca ela daria a feira de carne, peixe e verduras.

- D. J. P. teve 16 filhos e a comunidade como não existia escola, então o que foi que ele fez; pegou um pedacinho de terra vizinho a casa dele e construiu uma casinha bem pequenininha, essa casa tinha só uma sala de aula e uma cozinha precária pra seus filhos estudarem e mais a comunidade, entretanto estudou vários filhos e Noêmia que passou e que estudou, que trabalhou nessa escola há 32 anos, ela com grande dificuldade, ela era professora, diretora, merendeira, servente e médica, ainda colocava mais água na cabeça com os filhos porque aquela escola não existia água, não tinha água encanada na comunidade, nem tinha energia, então como era que colocava os menino pra o recreio e a saída e a entrada da escola? Se batia com uma tábua, com uma régua feita de tábua, feita pelo meu pai pra ela, pra poder chamar os meninos batia no birô, com essa tábua e os alunos sabia. O recreio, éh ... onde brincava com ela mesma, ela caminhava num terreno baldio que era na frente, que ela limpava com o pessoal da comunidade pra os filhos brincarem na hora do intervalo.

- Além de educadora na escola, ela também trabalhava muito na comunidade, como?

Éh! Ensinava a bordar, a costurar, a comida típica como, eh...canjica, bolo de mandioca, tapioca e etc. E ensinava na questão de saú... oh! Também ajudava na saúde, éh, a mulher ia ter neném chamava ela e ela ia fazer trabalho de parto da... de quem precisasse, como qualquer tipo de outra doença ela era quem encaminhava, vamos supor: quando ela via que a situação não resolvia o problema chamava um tio meu e o tio butava o menino num caçóá e levava pra Gramame pra de lá tomar uma atitude de algum carro que é onde iria se encontrar o carro e ela acompanhava esse pessoal que não tinha jeito pra essa situação. – Éh! Na igreja ela era quem tomava conta da igreja, a partir dos 7 anos, ela era quem zelava a igreja, organizava tudo festa na igreja, eh... higiene pessoal por exemplo: piolho, ela ensinava remédio né, de mato pra tirar piolho da criança ou então mesmo ia tirar, catava vários bicho-de-pé, após da aula ficava um pedaço pra tirar os bicho-de-pé das crianças.

- Como não tinham... como padre todos os dias, que hoje... apesar de que nenhuma comunidade tem padre todos os dias, o que ele fazia? O recém-nascido butava pra morrer, como não tinha... não tinha padre pra batizar vinha na nossa casa e ela é quem faria esse

papel do padre batizava as criança e dava também a extrema unção aos doentes. Ela ia à casa do pessoal rezava o ofício e dava a extrema unção pra os doentes... mas porque mamãe só não era padre, mas mamãe tinha todo aquele curso aquelas coisa que padre precisa... ela tinha... é tanto que ela morreu com a bata da Legião de Maria e com... levou um terço... ela quem ensinava também a catequese a gente, aos filhos, por que ensinou 1º ao 4º ano, à 4º série e também questão de igreja foi ela também que encaminhou a gente.

- Como muita gente não sabe que a nossa comunidade é chamada de Muçumagro. Então eu vou explicar porque é a origem desse nome. – Eh; foi aproximadamente em 1895 foi lavrado o registro de uma aldeia dos índios Tabajaras situada ao leste da capital, onde viveu de agricultura, da caça e da pesca. Existia na região uma grande variedade de peixe, dentre ele um em forma alongada como uma cobra negra e de aparência desagradável, mas bastante saboroso o qual foi “denominado” pelo mesmo de muçu que ao ser pescado era levado para a aldeia, preparado e chamava seu companheiro para que viessem junta-se a eles para comer muçu magro. Que era um peixe magro; né! Por isso que era chamado de muçu magro, devido a magreza do peixe dando origem o nome da comunidade de Muçumagro.

- Eh, conta-se uma versão folclórica para a origem desta comunidade que teve início neste século, quando três caçadores vindo de outra região pararam à beira caminho para matarem a sede numa cacimba, encontraram uma imagem de santo Antônio com aproximadamente 10 cm próximo à moita. Estes procuraram na vida, o dono da terra e entregaram-lhe a imagem na família Paixão ao qual sendo religioso considerou um milagre fazendo no local uma pequenina capela e colocou o santo.

- Foi entregue na casa da família Paixão que na verdade era aqui, ainda é, ainda continua sendo. Foi construída, era uma capela. Num era! Depois foi que teve essa grande reforma e foi feita essa obra. Aí colocou a igreja com o nome de Santo Antônio...

- Essa imagem daqui é a imagem de Santo Antônio, sendo que a encontrada é menor que essa, mas N. P. achou que deveria colocar pra guardar na casa dela.

- Em decorrência do tempo e das mudanças climáticas a mesma começou a ruir precisando ser demolida, sendo reconstruída em 1986 com o esforço da comunidade da família Paixão e padre Dom Epaminondas. Em virtude deste acontecimento os moradores quiseram mudar o nome para Vila Santo Antônio, mas não houve sucesso, pois a mesma já estava registrada em cartório pela família Paixão como Muçu magro. Até hoje há discordância sobre o nome do lugar devido várias interpretações do que seria muçu magro.

- A cultura da comunidade de Muçu Magro era riquíssima. Porém hoje em dia só existe a de Santo Antônio neh; na igreja, a festa de Santo Antônio padroeiro do lugar que tinha

mais, mais cultura como: coco de roda né!, quadrilha, lapinha e hoje em dia não existe mais. O hasteamento da bandeira neh, do mastro neh! E São João.

- Eu como filha de Noêmia, Maria que era uma pessoa totalmente dedicada a comunidade. Eh! Teria orgulho que essas culturas continuassem, mas enfim a gente tem que ter o trabalho neh; pra “resgatar” junto com a igreja, escola, posto, pra fazer a continuidade.